JOÃO BAPTISTA CASAL PELAYO E O PODER EMANCIPATÓRIO DO ENSINO: UMA PAIXÃO*

Professora Doutora Maria Raquel Nunes de Almeida e Casal Pelayo

Professora Auxiliar da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e Investigadora Integrada do i2ads - Centro de Investigação da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

*Discurso apresentado no almoço de homenagem a João Baptista Casal Pelayo na data do centenário do seu nascimento a 28 de Junho de 2014.

INTRODUÇÃO

João Baptista Casal Pelayo (Fajozes 1914 - Vila do Conde 1997) foi um homem determinado. Discreto, optou por conduzir a sua vida de forma austera e alheia a todo luxo ou vaidade, reduzindo as suas necessidades ao absolutamente necessário. O caráter monástico do seu quotidiano e a sua invulgar capacidade de trabalho não se devem confundir com uma vocação de ordem religiosa já que a paixão da sua vida foi sempre o ensino. Sempre com o apoio do seu irmão P.e Reinaldo Casal Pelayo e , inicialmente, ainda com vários outros seus irmãos: José Casal Pelayo, Vicente Casal Pelayo, e Primo Casal Pelayo, pôs de pé, com assinalável empreendedorismo e pragmatismo, um projeto educativo que tem como modelo base a educação e os princípios que os seus pais, também eles professores, lhe transmitiram na infância.

O estabelecimento particular de ensino chamou-se de Colégio de S. José. Este nome foi herdado do internato feminino com o mesmo nome pertencente à congregação das Doroteias aquando do seu encerramento em 1949 e em cujas instalações à rua Comendador António Fernandes da Costa se foi instalar o novo internato para rapazes dos Pelayo, no ano letivo de 49-50. Uns anos mais tarde, em 1953 o Colégio muda-se para o emblemático edifício do antigo casino de Vila do Conde à Av. Júlio Graça. A adoção de S. José como padroeiro do Colégio aponta para a figura tutelar paterna o que muito agradou aos irmãos Pelayo.

Quem foi este homem que fez deste projeto, o projeto da sua vida? Qual o significado e valor deste empreendimento e o que fica, hoje, como legado educativo, são as questões às quais tentaremos dar resposta no momento da celebração dos 100 anos do seu nascimento.

Antes de começar, quero agradecer efusivamente à comissão de antigos alunos que tomou a iniciativa espontânea de organizar esta homenagem já que esta parte, orgulhosamente, da sociedade civil vilacondense e, isso para mim, e se calhar para muitos de nós, é já o mais bonito deste evento, para além da forte adesão que teve.

Coube-me esta difícil tarefa por dois distintos motivos. Por um lado por sentir, tal como muitos outros ex-alunos do Colégio, o dever de prestar homenagem a quem contribuiu de forma substantiva para a minha autoconstrução como pessoa, e por outro lado, por sentir a responsabilidade que advém da posição de poder acrescentar algo à leitura do estatuto

intelectual de João Baptista Casal Pelayo por ter tido o privilégio de com ele ter convivido também na privacidade familiar como sua sobrinha.

O ESTADO DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL EM MEADOS DO SÉCULO XX

O entendimento do alcance do legado educativo de João Baptista Casal Pelayo obriga-nos a recuar no tempo para a primeira metade do século XX que precede a abertura do Colégio, precisamente a meio do século, para relembrar o mundo que foi Portugal - mundo este ao qual João Baptista, como pedagogo, dirige uma resposta educacional.

Uma taxa de analfabetismo superior a 80% da população face à média de cerca de 38% nos países europeus de estrutura educativa católica semelhante à nossa, e um aparelho de ensino paupérrimo, residual, elitista, generalista, retórico, medíocre e desligado da realidade e mais ainda dos desafios da modernidade, são os fatores da equação que colocaram Portugal numa posição vergonhosa face à Europa, em termos educativos.

A mais lesiva política, pela gravidade e longevidade das suas consequências, foi a destruição pombalina, no século XVIII da rede de ensino básico e médio do país que resultou da expulsão dos jesuítas e que votou os avultados investimentos então depositados na Universidade de Coimbra à inutilidade por falta de professores que lecionassem muitas das matérias e até de alunos com conhecimentos suficientes para a sua frequência, dada a quase inexistência de ensino de base, já que o país ficou então sem professores do ensino básico e médio capazes.

Apesar de diversas vezes decretada a sua criação, só na segunda metade do século XIX abrem efetivamente as duas primeiras escolas normais em Lisboa em 1862 e 1866 e só no final do século abre uma escola normal no Porto em 1883 e se começa a construir incipientemente um sistema de formação de professores.

O triste panorama educativo de finais do século XIX justifica que o problema da educação tenha assumido enorme relevância em todo o século XX português e, mais do que das derivas governativas, ela vem sendo ultrapassada com a visão e dedicação pessoal de muitos e valorosos obreiros anónimos silenciados injustamente por branqueamentos da História, como vem sendo o caso de João Baptista Casal Pelayo.

De facto, não fossem esses homens e mulheres que tanto trabalharam e trabalham, remando contra marés, auto motivados por altos valores éticos e espírito missionário seríamos com certeza muito mais pobres já que a atenção que a educação mereceu em Portugal durante o século XX foi (e ainda é) radicalmente politizada, dando continuidade àquilo que, olhando para a história da educação em Portugal, se tornara habitual nos séculos anteriores.

Tanto o regime da primeira república como o ditatorial do estado novo instrumentalizaram a educação como meio privilegiado de regulação social e difusão ideológica esquecendo a verdadeira e nobre função de emancipação social, cultural e económica do ensino.

Em 1938 já em plena ditadura, os fatores enumerados em 1870 como causa do analfabetismo, nomeadamente, a organização centralizadora, a inexistência de inspeção, o professorado sem habilitações e sem forma de aceder à profissão, a falta de estímulo e de remuneração

aceitável, o desamparo da instrução feminina, a falta de frequência e a desorganização interna das escolas, continuam a caracterizar o panorama do ensino estatal português.

É pois, num complexo contexto educativo, que nasce o Colégio de S. José em Vila do Conde - enquadrado por um cultura salazarista que pretendia determinar os limites do que pode ou não ser dito ou pensado - pela mão de gente que, pelo contrário, sempre pensara que se pode e até deve pensar. Um projeto subversivo embora sem o parecer. E isto porque possuiu a capacidade crítica de se colocar acima dos circunstancialismos políticos da época e de se baixar humildemente para servir aqueles que legitimamente aspiravam a uma vida melhor e a recusar, podendo, o futuro miserável a que o país os condenava. Uma obra educativa singular que, do primeiro ao último ano em que funcionou durante quatro décadas, deu-nos a nós, vilacondenses, os meios para a nossa emancipação pessoal. Marcando de forma indelével as vidas dos que estão aqui hoje e de tantos outros que com certeza estão também aqui em espírito.

TEMPOS DE JUVENTUDE

João Baptista, tal como os seus irmãos, foi um self-made man. Sem fortuna familiar, nasceu no ano da eclosão da Grande Guerra em plena primeira república. Lembro-me de como exemplificava a penúria desses tempos recordando que até as caixas de fósforos da Fosforeira Nacional eram tão miseráveis que era uma sorte se um ou dois fósforos estivessem em condições de acender. À data da instauração da ditadura contava doze anos e encontramo-lo a estudar no Seminário do Porto. Desses tempos recordava com vivacidade a azáfama diária da descarga de carvão e os inúmeros carvoeiros que pontuavam o rio Douro dos quais era possível observação privilegiada das janelas do seminário. Cerca de 1932, aos dezassete anos e ainda a estudar no seminário, teve a infelicidade de apanhar uma tuberculose óssea, então uma doença vulgar decorrente de consumo de leite não fervido contaminado pelo bacilo de koch, - uma matéria que com certeza todos recordam das suas aulas, tal a vivacidade com que a lecionava. Em risco de vida por inexistência de antibióticos passou, aqueles que lhe pareceram os anos mais longos da sua vida, no Sanatório Marítimo do Norte em Francelos, fazendo helioterapia e só em 1935 saiu curado. Contava já vinte e um anos. Esta foi uma das experiências mais marcantes da sua vida e provavelmente razão de ter escolhido cursar farmácia, que dava resposta ao seu espírito pragmático, interessado na modernidade da ciência e não nos desvarios da tradicional retórica. Ingressou na Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto no ano letivo de 1938-39 altura da eclosão da segunda guerra mundial que trouxe ao país nova fome, racionamento, medos e incertezas quanto ao futuro.

Em terminando o curso, o estado novo quis traçar-lhe o futuro exigindo a abertura de uma farmácia ao que João Baptista se viu obrigado, e a foi abrir longe da vila em Fajozes-Mindelo pondo-se ao serviço das populações mais esquecidas. Mas isto não era o suficiente para se sentir realizado. Outros sonhos maiores sonhava já, e há muito, o jovem licenciado.

Com os pais sexagenários e vendo-se o país em tal penúria os irmãos Pelayo que mais tarde se lançarão no projeto do Colégio vêem-se na situação de terem de trabalhar para poder financiar as suas licenciaturas, pelo que decidem dar auxílio e novo impulso à atividade do seu pai que sempre exercera o ensino particular. Desde cerca de 1938 até 1949 e enquanto tiravam as suas licenciaturas, os irmãos Pelayo, dedicaram-se ao que se chamou então

Externato de Fajozes, uma escola particular, algo informal, que dava continuidade à atividade do patriarca Vicente Alonso Pelayo e preparava alunos para diversos exames. Esta experiência pedagógica foi o laboratório experimental que permitiu a João Baptista também adquirir o Know how de gestão e administração que, mais tarde tornaram possíveis outros voos com a abertura do colégio de S. José em Vila do Conde. Há portanto uma continuidade geracional na dedicação ao ensino particular que é passada dos pais para os filhos, mas de forma muito especial a João Baptista que de todos os irmãos e irmãs escolheu não submeter-se nunca às constrições do ensino estatal, mantendo vivo o referencial pedagógico emancipatório do pai que chegou a ser perseguido pelo Estado na sua atividade docente. A sua cultura de empreendedorismo provindo da estadia de três anos em Ermesinde junto a familiares da família Casal, da parte sua mãe, que foram grandes empreendedores ligados a atividades comerciais como a ourivesaria, o comércio de automóveis e o fabrico industrial.

Não obstante, a figura tutelar de Vicente Alonso Pelayo foi de enorme importância para João Baptista tendo desempenhado um papel determinante no seu imaginário e formação, talvez mais do que a qualquer dos seus irmãos. Era espanhol, nascido em 1869 em Santander. Imigrou para Portugal em rapaz trazido pelo seu tio, o Padre José Rodrigues Cosgaya (1841-1921), um refugiado político espanhol, carlista, que entrara em Portugal em 1868 na sequência das convulsões que levaram à deposição de Isabel II de Espanha e deram início ao chamado sexênio revolucionário, diretor e fundador do Colégio da Formiga de 1877 até 1894, que hoje é o "Colégio de Ermesinde".

Vicente Alonso Pelayo, acumulou o cumprimento das obrigações de funcionário do Colégio da Formiga com os estudos do curso liceal, vindo a ser poliglota com especialidade em «línguas românicas» e, mais tarde, durante alguns dos últimos anos de funcionamento do Colégio da Formiga não só acedeu ao corpo de professores como também foi seu diretor.

Tendo contraído matrimónio com Maria da Conceição da Silva Casal, diplomada com o Curso Normal para o Ensino Primário, o casal, após uma década à frente do Colégio do Rêgo d´Água em Ermesinde, vêm a fixar-se em Fajozes, no início do século XX, onde a professora Maria Casal veio a lecionar até à sua reforma no ensino público primário na Escola Feminina. Após a sua reforma chegou a lecionar durante os primeiros anos do Colégio de S. José.

A abertura desta escola em Fajozes, uma raridade nos tempos de então, deveu-se à iniciativa privada do benemérito Bernardino José Alves, um filho da terra emigrado e enriquecido no Brasil. As instalações escolares oferecidas à população foram inauguradas em 1907, num sólido e generoso edifício de rés do chão e primeiro andar, dotado de quintal onde João Baptista e seus irmãos e irmãs passaram a meninice. O edifício contemplava, à maneira da época, habitação para a professora que ali lecionasse o que apesar dos baixos salários de então, garantiu condigna habitação à família. Vicente Alonso Pelayo continuou a dedicar-se ao ensino particular preparando estudantes para exames, tendo ambos contribuído muitíssimo para o desenvolvimento daquela povoação que ficou no coração de todos os seus filhos. A sua prole numerosa foi criada num ambiente muito particular em que escola e família se entrelaçavam e confundiam. Um ambiente que João Baptista pretendeu recriar e partilhar no seu Colégio de S. José.

PROJECTO EDUCATIVO E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Vejamos então como nasce e se define o projeto educativo do Colégio de S. José analisando a forma como se posiciona face à ambição de modernidade dos portugueses, as pedagogias antiga e moderna, bem como ao terreno político ideologicamente autoritário e repressivo de então.

A vontade de partilhar a experiência excecional da casa-escola vivida na infância - na qual o amor paterno se confunde com o processo de ensino aprendizagem - encontrámo-lo logo no mote "Lar risonho e acolhedor" que se refere diretamente às necessidades emocionais dos futuros alunos e não a qualquer outra competência cognitiva. Ser um "Lar risonho e acolhedor" é portanto o objetivo primeiro e aquilo pelo qual se quer diferenciar o colégio dos demais. Implica uma visão do ensino, antes de mais como educação, não como instrução, cujo fim último é fornecer uma experiência de vida positiva, rica e estruturante. Implica ainda que se considera que sem as melhores condições emocionais e devidos estímulos positivos não se desenvolve a inteligência! Isto, para a época é, de facto, muito avançado e ainda hoje, infelizmente, o nosso sistema de ensino continua a desvaloriza-lo apesar de se tratar de uma necessidade psicológica básica de todo o ser humano.

Não se trata, portanto, e apenas, de abrir um colégio interno. Há um projeto educativo inovador e uma filosofia pedagógica própria que claramente integra os conhecimentos das então emergentes ciências da educação que entraram em Portugal durante a primeira república no contexto das escolas normais, seus primeiros manuais, seus primeiros pedagogos portugueses como José Augusto Coelho, Adolfo Lima ou Faria de Vasconcelos entre muitos outros que patrocinaram a disseminação e debate das novas ideias e práticas de ensino.

De facto, se alguns destes pedagogos vieram a radicalizar o seu discurso como defensores da "Escola nova" ou "Progressista" embebendo-a de ideais republicanos, nacionalistas, anarquistas e laicos, o certo é que as grandes ideias que ainda hoje associamos à "Educação nova", como o "ensino intuitivo", as "lições de coisas", os "métodos ativos" ou a "forma interrogativa" já pertenciam ao discursos e práticas inovadoras da incipiente ciência da educação ou pedagogia moderna então em sistematização e divulgação por toda a Europa e tiveram aplicação nos métodos de ensino do Colégio de S. José, não só nas aulas como também na organização anual dos famosos passeios que visavam precisamente ir ver e conhecer em primeira mão a arquitectura, a arte e a cultura portuguesas.

Na brochura do "Grande Colégio de S. José" editada cerca de 1949 os seus fundadores com assinalável transparência e franqueza explicitam a visão pedagógica do seu projeto que resumem como Educação Integral, Nacional e Católica.

Vejamos então o que se entende hoje por Educação Integral?

"Refere-se o termo à formação mais integral possível do sujeito pela oferta de oportunidades de acesso às várias instâncias culturais da sociedade e a visão do ser humano como um ser complexo constituído por diversos estratos que não dizem respeito só à cognição mas à emoção, subjetividade, desejos, inteligibilidade e sociabilidade. O conceito de educação integral implica um papel crítico - emancipatório para a educação e visa estimular a progressiva autonomia dos educandos na sua formação como cidadãos."

Mas confirma-se de facto esta preposição na visão pedagógica proposta e cultivada pelo Colégio dos Pelayos?

Já vimos que "Lar risonho e acolhedor" está claramente dentro deste espírito. Mas como é que os irmão Casal Pelayo definem, eles próprios Educação integral? Dizem eles que... é aquela educação que encara igualmente três importantes aspetos: o intelectual, o físico e a formação moral, assinalando desde logo que (e passo a citar) " Por mais importante que seja a formação intelectual (...) não pode este aspeto (...) arvorar-se em exclusivo sobre os demais" e em tom instrutório dirigem-se aos pais "Não é para fazer deles uns pequenos sábios (o que de nada serviria) ...mas homens instruídos (leia se capazes, emancipados, empreendedores)".

Dado o arrojo têm, por outro lado, o cuidado de distanciar-se também de ideologização do ensino, nomeadamente do anarquismo que se associou a alguns dos projetos pedagógicos inovadores do século XX e explicam que "não nos deixámos seduzir pela educação moderna - mas estamos bem informados pelo estudo das ciências educacionais". A distinção era necessária e é verdadeira. As revoluções a sério não se fazem destruindo a identidade de um povo mas sim tendo a coragem de construir um futuro melhor a partir daquilo que as gerações anteriores à nossa nos trouxeram. Uma cultura não pode desprezar a sua identidade porque ela é a própria matéria de que somos feitos e a educação visa, precisamente, passar o legado artístico, científico e tecnológico às gerações vindouras perseguindo o seu desenvolvimento.

É neste entendimento que se afirma o projeto do Colégio de S. José, como educação que para além de integral se assume como nacional. Mas este não é um nacionalismo exacerbado qualquer, determinado por ideologias políticas. Trata-se de um olhar crítico, ponderado e independente, o que é muito claro quando dizem ater-se apenas às virtudes da educação portuguesa, afastando-se assim daquilo que esta continha de ineficaz e/ou nefasto e da qual já referimos aqui vários aspetos.

Mas então que valores positivos valeria a pena preservar e cultivar nas novas gerações? Fugindo claramente às limitações da cartilha salazarista, referem o amor pelas tradições (lembro aqui que a grande celebração anual do colégio era o magusto, uma festa antiga e essencialmente pagã que marca o solstício de inverno), do nosso modo de ver, as virtudes de sempre como o amor ao trabalho, o espírito de disciplina, o sentido de responsabilidade e o auto domínio. Note-se que esta lista poderia bem ser a enumeração dos instrumentos para a emancipação pessoal! e como subtilmente se distancia este projeto do negrume autoritário contido na tríade simplista Deus/pátria/família: a fórmula do imobilismo.

Esta educação anuncia-se também como católica. Um paragrafo nota a importância da moral e refere-se à alegria cristã no quadro do catolicismo notando que as instalações possuíam uma capela privativa para o culto - algo que as novas instalações do antigo casino deixariam naturalmente de possuir.

Mas um dos mais visionários e originais aspetos que a leitura da brochura do Colégio nos confirma é a do papel que este projeto educativo reservou, desde raiz, aos pais.

A abordagem do assunto é longa no âmbito do curto mas rico texto e lembremo-nos de que estamos nos finais da década de 40 e no contexto de lançamento de um externato de rapazes. O que seria expectável para um colégio deste tipo era este constituir-se como um repositório de crianças de pais que as queriam ver instruídas e que por via das circunstâncias acabavam demissionários ou excluídos do seu papel de educadores.

Mas o projeto educativo dos Pelayo reservava um espaço fundamental e ativo aos pais. Ao invés de os excluir, por porventura analfabetos ou pouco escolarizados, concede-lhes toda a centralidade ao tomá-los, independentemente da sua condição intelectual, como a base de todo o trabalho pedagógico a desenvolver. E isto porque todo o pai/mãe possui os mais importantes ingredientes de que a escola necessita: por um lado as emoções e os sonhos e por outro lado a autoridade e exigência.

"Que a sua casa continue a ser para a criança o seu grande mundo e o colégio uma extensão desse mundo"

Quanta consideração e respeito pelo aluno como pessoa esta frase comporta! E que profundo (e arrojadamente moderno) sentido psicológico contém! Veja-se: a qualificação da casa como o grande mundo (pois sim: cheio de emoções, empatias, partilhas, identidades) e o colégio apenas como mera extensão desse mundo....

O projeto pedagógico preocupa-se com o bem estar emocional e psicológico do aluno pelo que defendem seus cinco proponentes que a aposta é a de se realizar a tarefa educativa "sem quebra do ambiente e autoridade familiares", já que nunca na escola poderá haver "aqueles carinhos que só os pais, - mas especialmente as mães - sabem ter".

Preocupam-se com o processo de adaptação do aluno defendendo que não deve ser abrupto para evitar efeitos psicológicos nefastos.

As estratégias para pôr em prática esta difícil mas fulcral visão é o contacto franco e permanente entre direção, professores e alunos e uma estreita ação conjugada entre direção e pais - "com identificação de autoridades e pontos de vista" o que consideram ser "um fecundo processo de educação". Outra estratégia foi a de declararem as instalações sempre e continuamente abertas aos pais e de incentivarem essa relação através da institucionalização das visitas como algo semanal e não como um momento excecional. O próprio regulamento interno é feito de forma a incentivar as visitas dos educandos à família em frequência e constância, convidando a que as famílias também visitem os seus filhos no colégio em semelhantes termos. A relação direção-pais era ainda incrementada (e também era regulamentar) com a constante informação tanto do aproveitamento como do comportamento em igual importância para que os pais "possam intervir a cada momento na educação dos seus filhos".

Neste projeto educativo os pais são de facto a verdadeira autoridade, o princípio de tudo e o seu desempenho e envolvimento é tão importante e basilar que levam os pedagogos irmãos Pelayo a sentenciar: "Sem tal ajuda, muito árdua será a tarefa dos educadores!" e a fechar o textinho da brochura, cientes do seu programa ambicioso dizem que ele é "difícil como as grandes obras", e que só com o auxílio das famílias o poderemos bem realizar.

Não nos deixemos enganar pela simplicidade estratégica da implementação prática. Há toda uma filosofia educativa profunda e moderna que se estenderá também aos métodos de ensino nas aulas e à seleção dos professores que, em parte, advêm do contacto com as correntes pedagógicas inovadora, mas também e, em parte, da clarividência empírica das experiências de aprendizagem singulares dos irmãos Pelayo desde o carinhoso e altamente incentivador ensino primário no ambiente casa-escola até às dificuldades, que podemos adivinhar, vividas na solidão-reclusão do internato do seminário em inícios dos anos 30.

Não tendo esquecido a importância do aspeto lúdico o colégio sempre promoveu espaço para a descontração e brincadeira assim como assegurou por vários meios a saúde preferindo a prevenção e meios de controle sistemáticos para deteção de desequilíbrios que requeressem maior atenção preventiva.

EPÍLOGO

Não sendo possível relembrar aqui tudo isso, e para terminar, lembrarei apenas - e agora em jeito de fábula infantil - que assim se passaram os anos e décadas: O colégio de mãos dadas com a sociedade na figura nuclear da família foi se transformando conforme as limitações , necessidades e aspirações dessa sociedade, transformando centenas e centenas de sonhos em feitos alcançáveis. E nele cresceu e se agigantou a figura de João Baptista, sempre incansável e inquieto, sem medo de nenhuma tarefa, confiante na sua visão que num espírito crescente de missão, transformou a pouco e pouco o colégio numa espécie de entidade sem fins lucrativos. Para ele, a pouco e pouco, nada mais contava senão a diferença que um ensino equilibrado podia trazer à vida dos jovens.

Esses Jovens fomos todos nós.

E este, caros colegas amigos de escola, é, de facto um momento muito, muito, especial porque hoje fomos convidados a vir aqui interromper com irreverência juvenil (É bom que ainda reste alguma apesar da idade!) o silenciamento que vem perdurando em Vila do Conde desde o encerramento do Nosso Colégio e podemos, festejando em magusto a nossa emancipação pessoal, gritar em surdina:

Que ninguém nos venha dizer quem somos! Nós sabemos de que somos construídos e de que é feita a nossa identidade cultural de vilacondenses!

Sabemos também que João Baptista Casal Pelayo desempenhou um papel de altíssimo relevo para a sociedade no geral e contribuiu enormemente para o progresso dos vila condenses em particular. O valor pessoal de cada um de nós é prova disso. É tempo do reconhecimento da sua elevada estatura como referência cultural de enorme importância para esta cidade e todo o concelho. Temos de refletir como poderemos transmitir este nosso apreço às gerações vindouras.

Para terminarmos usando a tal réstia de irreverência proponho uma barulhenta salva de palmas em homenagem a João Baptista Casal Pelayo!